

ENSAIO VISUAL

OS PRESSÁGIOS POÉTICOS DE ANDRÉ VARGAS

**ALESSANDRA SIMÕES PAIVA
ABCA/BAHIA**

Sincrético e multifacetado, o trabalho do artista André Vargas destila uma crítica acurada sobre os rumos de nossa complexa sociedade, fraturada pelas forças imperialistas, que se desdobram na crise ambiental, no racismo estrutural, nos processos de gentrificação. Sua obra parece evocar uma permanente sensação de emergência, à qual o artista responde com uma linguagem paradoxalmente simples e ousada. É o que parece dizer sua obra Ferrugem (2019), facção que traz em sua lâmina a palavra Patakori, saudação iorubá ao orixá Ogum, ferreiro, senhor das armas, ferramentas e tecnologias.

Vida se embaralha com estética no trabalho de Vargas. A experiência com processos educativos e públicos diversos e a relação profunda com as dinâmicas sociais no Rio de Janeiro moldaram seu caráter permanentemente aberto às alteridades. Atravessando caminhos artísticos e não artísticos, o artista opera sua poética no mundo. Faz arte e política com os sentidos que recolhe da periferia urbana, da ancestralidade afro-diaspórica, das contradições que assolam a modernidade

latino-americana. Ao interromper o ritmo da normalidade entorpecida, com suas ações ético-estéticas envolvendo pessoas e espaços fora dos espaços institucionalizados, ele faz a arte cumprir seu melhor papel: o de mudar o mundo.

Há muito arrojo na singeleza das formas, técnicas e materiais escolhidos, como na Série Povo, pinturas sobre papel pardo, cujos desenhos lembram os grafismos populares das barbearias e lanchonetes dos rincões do país, porém com forte simbolismo decolonial. São autênticos elogios à cultura popular, meticulosamente elaborados a partir de estudos da linguagem, da filosofia e da história da arte. Além da representação parcial de imagens, como na obra Jurema (2021), representada por uma indumentária indígena sem a presença da figura humana, o artista optou por deixar nomes incompletos, estimulando o espectador a completar o significado de textos e imagens.

Poeta, Vargas declarou, certa vez, que seu lema de vida era levar a escrita para todos os lugares possíveis que

lhes fossem apresentados. Com frases curtas e imperativas, a palavra passou a se misturar à imagem em seu trabalho, confirmando que a matéria da arte pode vir de muitos recônditos líricos, como na série Benzimentos, pinturas sobre algodão cru que retratam ervas e rezas. São obras que ganham ainda mais força com a repetição sequencial, como na série Fios de Conta, referência às guias afro-religiosas. O artista apresenta inusitadas releituras a partir de construções espaciais sobre este suporte, expandindo assim as possibilidades construtivistas da poesia concreta: Salvar Saravá é uma delas.

O artista também lança mão de autênticos presságios poéticos, que lembram os esquemas sintagmáticos dos provérbios yorubas, cujas sibilas futurísticas anunciam um mundo mais justo. É assim que opera sua Série Proféticas, como na faixa estendida pelo artista no sinal de trânsito anunciando que Zumbi está voltando. Ironicamente ameaçadoras, suas frases são aparentemente banais justamente porque são insurgências contra a

mediocridade. As dúbias figuras de linguagem são suas aliadas, como a obra Hoje só lavaremos a alma, faixa exposta na mostra Água Banta, no Memorial Getúlio Vargas (RJ), onde há um espelho d'água desativado a pedido dos moradores da região, já que o local havia se tornado espaço de banho para pessoas em situação de rua.

A cidade também é suporte por excelência para ações artivistas, como na obra Abdias já dizia (2020), em que Vargas distribui panfletos com a mensagem “Não vote em branco”, explorando mais uma vez a opulência da ambiguidade linguística. Em Todo chão de rua é um quadro negro (2022), o artista lança mão do giz para grifar o poder simbólico das ruas na imaginação coletiva, tão efêmera quanto a própria linguagem da arte urbana. Tudo feito com a continência arraigada de sua espiritualidade ancestral. Quando fez esta ação durante uma residência artística no Maranhão, ele afirmou que gostaria de devolver a São Luís tudo o que esta cidade mágica o havia proporcionado, “com essa reverência ao seu chão

histórico e fantástico em criticidade e ancestralidade”, declarou.

Vargas supera o mito da originalidade modernista para ser ousado por si mesmo. O que lhe interessa é a linguagem, e por isso a reverência aos mestres, reafirmando seu lugar como artista no mundo e no todo da história da arte ocidental. Faz isto com a racionalidade da pesquisa estética, porém com uma devoção subjetiva, destinada aqueles que vieram primeiro. Na Série Bocas de Prazeres (1898-1966), os rostos em perfil fortemente delineados são uma homenagem ao pintor Heitor dos Prazeres. “Sempre fiquei imaginando as coisas que poderiam estar dizendo as bocas abertas dos personagens das pinturas de Heitor dos Prazeres. O gozo e o júbilo de cada cenário elaborado por esse mestre sempre me convidaram a cantar. Hoje eu canto colorido... Salve Heitor dos Prazeres!”, comemora o artista. Em Coquetel Marafo (2022), vê-se a referência às inserções em circuitos ideológicos de Cildo Meireles. Na obra Se é cachimbo, é banto (2019), a máxima de que a função da arte não é a mera representação

do mundo apresenta-se na analogia ao clássico trabalho A traição das imagens, de René Magritte, porém com a corporalidade decolonial. “Depois que descobri que a palavra cachimbo era de origem banto, passei a contar outra história da arte. Salve as baforadas de vovó!”, declara Vargas.

É neste trânsito entre tantas referências que sua obra se transforma em um complexo mosaico de significados que, apesar de múltiplos, não dispersam a coerência de seu trabalho. Vargas faz arte contemporânea, utilizando sua melhor verve operativa, isto é, promovendo o entrelaçamento entre arte e vida. Nada mais emblemático do que sua obra Pô, pular também é arte (2022), frase cravada sobre um pula-pula que se torna celebração poética para as crianças. Como um Ogum que talha majestosamente as ferramentas para moldar a cultura, Vargas se mantém firme em seu propósito de trabalhar laboriosamente a linguagem estética. Assim, mantém sempre aberto o milagroso caminho da criação artística.

**NÃO VOTE EM
BRANCO!**

**NÃO VOTE EM
BRANCO!**



A close-up photograph of a hand holding a small, black, rectangular card. The card has white text printed on it. The background is a blurred, light-colored surface, possibly a wall or a large piece of paper. The lighting is bright, creating soft shadows on the hand and the card.

**NÃO VOTE EM
BRANCO!**

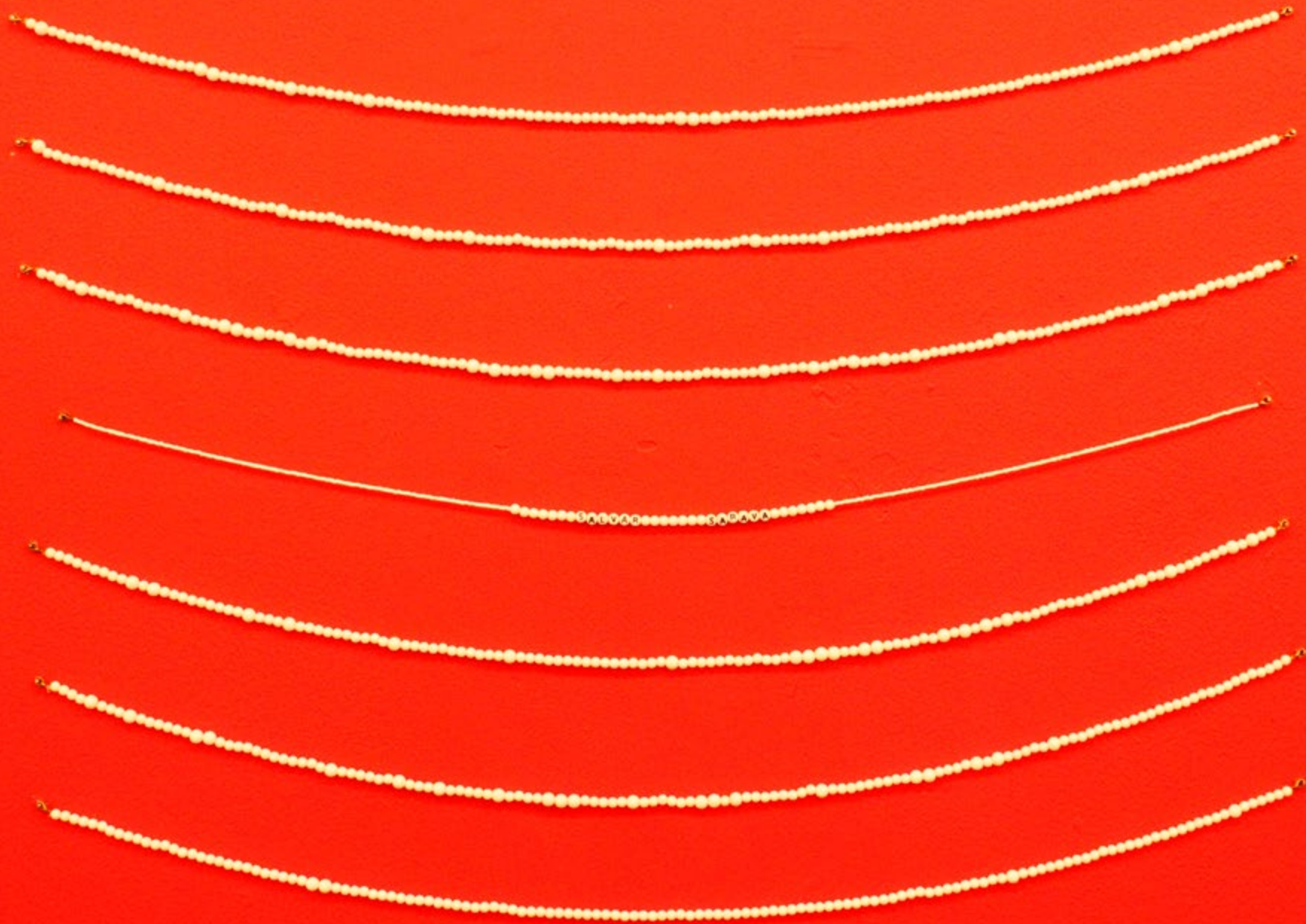
+ ШАМА ↻

+ ШАМА +

↻ ШАМА *

SARAVÁ!











PATAKORI



Se é cachimbo, é banto



SANGUE, TENHA-SE NA VEIA, ASSIM COMO JESUS CRISTO ESTEVE NA SANTA CEIA.





167

PROCHER EIMOUADRO ELIA EERO



ZUMBI ESTÁ VOLTANDO

HR







QUEM É ANDRÉ VARGAS

Artista visual, poeta, compositor e educador. Vargas trabalha na retomada de sua ancestralidade como forma de entender as bases das culturas linguísticas, religiosas, históricas e estéticas da brasilidade em que se insere, tendo a cultura popular como a maior indicação desse fundamento. Os subúrbios, os interiores e os demais lugares de memória pessoal e coletiva que contornam essa ancestralidade se apresentam como ponto de partida empírico de suas postulações conceituais. Graduando em Filosofia pela UFRJ, Vargas questiona as hegemonias que indicam uma história única ao recontar e responder a sua própria história familiar, se valendo das religiosas que reconduzem à afrocentricidade de seus gestos. A voz, a evocação e a conversa produzem dobras sobre os sentidos de seus trabalhos através da conjugação entre palavra e imagem. Nesse caminho, a constante presença da ausência reafirma o infinito de possibilidades, onde qualquer possibilidade de certeza sobre sagrado e profano escapa pela graça. (biografia retirada do site da Galeria Vermelho, que cedeu gentilmente as fotos para este ensaio).

ÍNDICE DE IMAGENS

pág. 158 Andre Vargas, *Retribuindo a gentileza*, 2021. Foto: Filipe Berndt. Cortesia Galeria Vermelho.

pág. 159 Andre Vargas, *Sarava!*, 2021. Série: *Bocas de Prazeres*. Foto: cortesia do artista e Galeria Vermelho.

pág. 160 Andre Vargas, *Salvar Sarava*, 2019. Série: *Fios de conta*. Foto: cortesia Galeria Vermelho.

pág. 161 Andre Vargas, *Coquetel Marafo*, 2021. Foto: Filipe Berndt. Cortesia Galeria Vermelho.

pág. 162 Andre Vargas, *Hoje so lavaremos a alma*, 2021. Foto Alice Loureiro. Cortesia Galeria Vermelho.

pág. 163 Andre Vargas, *Ferrugem*, 2019. Foto: cortesia do artista.

pág. 164 Andre Vargas, *Se é cachimbo, é banto*, 2019. Foto: cortesia do artista e Galeria Vermelho.

pág. 165 Andre Vargas, *Vinagreira da série Benzimentos*, 2023. Foto: cortesia Galeria Vermelho.

pág. 166 Andre Vargas, *Po, pular tambem e arte*, 2022. Foto: cortesia do artista e Galeria Vermelho.

pág. 167 Andre Vargas, *Todo chão de rua é um quadro negro*, 2022. Foto: cortesia Galeria Vermelho.

pág. 168 Andre Vargas, *Zumbi esta voltando*, 2020. Foto: Silvana Marcelina. Foto: cortesia Galeria Vermelho

pág. 169 Andre Vargas, *Diaspora*, 2022. Foto: cortesia do artista e Galeria Vermelho.

pág. 170 Andre Vargas, *Jurema*, 2021. Série: *Povo*. Cortesia do artista.

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA

Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), European Network of Brazilianists Working in Cultural Analysis (REBRAC). Docente na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), editora de Arte/Diversidade da Revista Arte&Crítica.